

O texto, a palavra e o silêncio

A *Ode marítima* de Claude Régy

Hélder Wasterlain

Arre! Por não poder agir d'acordo
com o meu delírio!
Arre! Por andar sempre agarrado
às saias da civilização!

Álvaro de Campos

A maior parte daquilo que vemos, ouvimos ou sentimos tem um certo tempo de duração em nós. Não será difícil, se questionados, lembrarmos o nome de uma obra, de uma música ou de intérprete, de um cheiro ou de um sabor, de um pintor, actor, peça ou texto que nos tenha marcado. O tempo garante a relação electiva que estabelecemos com qualquer processo criativo ou experiência vivida. Que a memória é selectiva, isso todos nós sabemos, mas entender os critérios de selecção, que ela aplica em cada caso, isso é mais difícil. Escrevo este texto dois meses depois de ter assistido no Festival de Avignon, à mais recente encenação de Claude Régy, *Ode Marítima*, de Álvaro de Campos. O mais prudente teria sido rabiscar algumas linhas, ainda que gerais ou pouco comprometidas, logo após o espectáculo. Não o fiz. Mas fi-lo propositadamente. Tentemos, pois, encontrar a justificação e a mnemónica.

Fundado em 1947 pelo conhecido actor e encenador francês Jean Vilar, juntamente com o poeta René Char e dois artistas plásticos, Christian e Yvonne Zervos, o Festival de Avignon tornou-se um marco não só para a cultura teatral francesa e europeia, mas também para o resto do Mundo.

Saídos de uma Segunda Grande Guerra devastadora para a Europa, seria "natural" deduzir que o clima social, político e económico estivesse pouco propício para aventuras teatrais. No entanto, e ao contrário do que muitas vezes é "natural" pensar, o projecto cresceu e rápido se transformou num dos mais importantes eventos internacionais dedicados ao teatro, provando que a esta arte também lhe é reconhecido o dom de sarar feridas, mesmo que não perceba nada de medicina e que Molière nos tenha deixado como herança a profiláctica dúvida: "Não sei se é a doença que faz o médico, ou se é o médico que faz a doença".

No Verão de 1978 Avignon enche-se novamente de odores de Dioniso. A cidade é bonita, mas estreita demais para tanta gente. Um belga trauteia a música *Sur le pont d'Avignon* enquanto olha para o guia turístico. Mais à frente, um americano está visivelmente chateado porque passou a tarde à procura, nos poucos museus da cidade, do famoso quadro de Picasso *Les Demoiselles d'Avignon*, e ele afinal está no Museu de Arte Moderna de Nova

lorque. Um japonês fotografa a ponte, metade feita, metade desfeita, ícone ou metáfora da "velha Europa" ou nada disso. O público aumenta e a oferta teatral tenta ser à proporção. De repente, fachadas, gradeamentos, postes, cafés e lojas, que compõem esta cidade, vestem-se de cartazes promocionais. O teatro, esse, faz-se em cada esquina porque nunca se sabe onde andam os senhores com dinheiro ou os caça talentos. Nesse ano, nesta confusão, Claude Régy apresenta na grande sala de espectáculos do Festival, Cour d'honneur du Palais des Papes, com cerca de 2.000 lugares, *Le Nom d'Œdipe d'après Le Chant du corps interdit*, um texto de Hélène Cixous. O espectáculo, um teatro musical, é denso e desagrada a um certo público habituado a correntes teatrais mais espontâneas em que a imagem é mais importante do que o texto e a sua palavra. Para Claude Régy é o início da dissidência com o rumo estético que o Festival assumia ter. Após esta experiência, Régy compreendeu que o seu trabalho não se enquadrava de todo naquele cenário pesadamente histórico que têm os muros do Palais des Papes, nem naquele desenfreado consumo teatral. Na verdade, as suas encenações não eram feitas para grandes públicos, o seu trabalho requeria mais intimidade e concentração, programas estéticos que não se coadunavam com o vento, o barulho e a impaciência dos espectadores. Claude Régy aprendeu e nunca mais marcou presença no Festival d'Avignon.

Trinta anos depois, a organização do Festival, em conferência de imprensa, anuncia as pazes, a encomenda e o regresso. Claude Régy, já com 86 anos de idade, aceita, mas em troca pede uma sala, silêncio, tempo e paciência. O texto? Aquele que ele acha ser suficientemente universal, absoluto e ideal: *Ode Marítima*, de Fernando Pessoa. Para quem conhece o trabalho de Claude – e o público português recordar-se-á do perturbador espectáculo *4.48 Psychose*, da Sarah Kane, apresentado na Culturgest em 2003 – entende que este é um texto feito à medida das exigências teatrais do encenador. A *Ode Marítima* é um poema com um ritmo regular em que as palavras funcionam como um delicado mecanismo de relógio suíço, sempre certo, cujo tempo não é o da nossa realidade, mas o da poesia. Este é um texto, que tal como um fato, veste bem as medidas do encenador: texto, palavra e silêncio.

Hélder Wasterlain
é aluno do 2.º ano de
Teatro – Ramo
Dramaturgia na Escola
Superior de Teatro e
Cinema.

>

v

Ode marítima,

de Álvaro de Campos,

enc. Claude Régy,

Festival de Avignon, 2009

(Jean-Quentin Châtelain),

fot. Mário Del Curto.

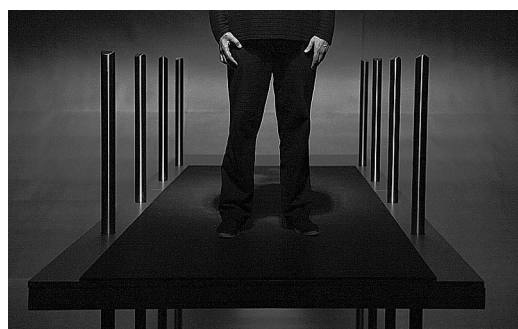
No que diz respeito ao processo de trabalho deste projecto, Claude Régy trabalhou inicialmente com um tradutor (Parcídio Gonçalves) e um dramaturgista (Sébastien Derrey). Não falando outra língua que para além do francês, Régy procurou reconhecer a sonoridade das palavras, a sua origem, o seu significado e a sua vida. O desejo é chegar à parte invisível da linguagem, essa parte inconsciente que está dentro dela e que muitas vezes os autores não são capazes de controlar. Depois do trabalho preparatório, o texto acaba por ter um ritmo e uma sonoridade própria. Não é por acaso que, quando questionado sobre a opção de traduzir a palavra "saudade" por "melancolie" e "tristesse", Claude Régy responde sem hesitações que é uma questão de ritmo e de escuta, até porque a palavra "saudade" não tem qualquer valor simbólico ou sentimental para um francês. No entanto, um francês já entende o significado das palavras "melancolie" ou "tristesse"¹.

Na prática, esta forma de amestrar a linguagem do autor, para que ela seja pronunciada pelo actor e compreendida pelo espectador, funciona. É um trabalho exigente, tanto para o actor como para o espectador. A cadência envolve-nos num ambiente etéreo, asséptico e laboratorial, em que todos os elementos, desde a luz até à cenografia, figurino e som, foram concebidos para que a atenção do público não se desvie do centro, que é onde está o actor, a palavra, o texto e o autor.

Quanto ao trabalho de actor, Claude Régy relembra várias vezes, ao longo dos ensaios, a frase de Marguerite Duras: "O jogo dos actores não ajuda a escrita. Mata a escrita". Sob este princípio, o actor não deve querer representar o texto, mas deve deixar o texto representar-se. O actor é visto como um veículo de expressão do texto e para isso ele tem de saber deixar-se levar por ele. Conhecendo esta *praxis* compreendemos melhor o trabalho realizado pelo actor Jean-Quentin Châtelain. São duas horas em pé, sem se mexer, numa tensão corporal que chega a causar incómodo para quem vê, movendo apenas o rosto, olhar fixo, levando por uma vez só as mãos à boca. Tudo está focalizado na palavra e no texto. Tudo está concebido para que o espectador não desvie a sua atenção. E depois há o silêncio entre as palavras, aquele silêncio que não sabemos se é do actor à procura do texto perdido ou se é o tempo que leva uma palavra a chegar à boca.

Esta encenação coloca-nos numa fronteira difícil de enquadrar espacial e temporalmente. Claude Régy, e na sequência da ideia de laboratório, quer testar a nossa capacidade de ouvir e de atenção. Será que ainda somos capazes de ouvir? Ouvir poesia em teatro?

O cenário – da autoria de Sallahdyin Khatir – é neutro e minimalista, mas, ao mesmo tempo, predicado para múltiplas interpretações e conjecturas: a quilha de um barco comercial, uma onda gigante? E aquela ponte inacabada: um pontão, abismo, ou início de um precipício? Em resposta a estas leituras Claude Régy é peremptório: o público pode ter as interpretações que quiser, não esperem uma resposta reveladora "é isto!", porque tudo está



concebido para servir o que realmente interessa: o actor e aquilo que ele tem para dizer.

Aos 86 anos de idade, Claude Régy prefere a noção de força e intensidade, à noção do "belo" aristotélico. *Ode marítima* é uma encenação que traz à memória um tempo teatral antigo. Confrontado com o facto de algumas pessoas, sobretudo jovens, terem saído a meio do espectáculo, o encenador responde muito calmamente que está habituado à falta de paciência e que muitas vezes as pessoas entram enganadas porque não conhecem o seu trabalho, porque vão à procura de coisas que não existem.

Provavelmente, o público português terá a oportunidade de ver a *Ode Marítima* inserida na programação do próximo Festival de Teatro de Almada, em 2010. Nessa altura iremos ouvir Álvaro de Campos sem legendas e com a palavra saudade traduzida. Passei dois meses a tentar escrever sobre este espectáculo. Levei o meu tempo. Foi propositado.

Referências bibliográficas

PESSOA, Fernando (2009), *Ode marítima*, Tradução Dominique Touati revista por Parcídio Gonçalves e Claude Régy, versão bilingue, Paris, Éditions de la Différence.

ARVERS, Fabienne e SOURD, Patrick (2009), "Entretien avec Claude Régy". Édition Festival d'Avignon in *Les Inrockuptibles*, pp.33-36.

¹ Recorre-se aqui a uma entrevista exclusiva ao encenador, realizada em Avignon, Julho de 2009.